

# **ARTESANATO EM COURO/GUASQUÉRIA NA CIDADE DE JAGUARÃO (RS): CULTURA POPULAR, TRADIÇÃO E MODERNIDADE**

Juliana Porto Machado  
Dr. Thomas Josué Silva (Orient.)

**RESUMO.** O artesanato em couro, guasquería, é uma prática tradicional que se mantém na contemporaneidade através das transformações de significados dos objetos produzidos e pela adoção de novos materiais de produção. As técnicas de produção são manuais, o que a caracteriza como artesanato. Possui forte ligação com a zona rural, principalmente com as atividades equestres. Nossa objetivo foi promover a análise dos processos artesanais tradicionais do artefato em couro (guasquería) na cidade de Jaguarão, levando em conta o saber/fazer do artesão/guasqueiro para compreender se houve modificações e como ocorre a conservação-transformação das técnicas de produção. A metodologia consistiu em uma proposta etnográfica através de entrevista semiestruturada com 04 artesãos/guasqueiro. Como principais resultados podemos destacar:a partir das narrativas de nossos informantes que todos os entrevistados viveram ou trabalharam na zona rural;persistem as técnicas tradicionais/contemporâneas e o modo de produção; continua o saber/fazer apreendido pela transmissão de conhecimento entre indivíduos que possuíam laços íntimos com o aprendiz; o meio urbano/rural em que a prática de guasquería é um artesanato “rural”, onde seus criadores vivem em espaço urbano; por fim, a visão do guasqueiro, em relação ao seu trabalho, é de se considerar guasqueiro por trabalhar com couro cru e artesão por trabalhar de forma manual. Concluímos que o guasqueiro segue produzindo suas obras com as mesmas técnicas de produção, mantém características tradicionais, modificou estilos mas conservou o saber/fazer, mesmo inserido em um contexto mercantil.

**Palavras-chave:** Artesanato; Guasquería; Tradição; Modernidade; Cultura popular

**RESUMÉN.** La artesanía en cuero, guasquería, es una práctica tradicional que queda en la contemporaneidad a través de las transformaciones de los significados de los objetos producidos y por la adopción de nuevos materiales de producción. Las técnicas de producción son manuales, lo que caracteriza como artesanía. Tiene un fuerte vínculo con el campo, especialmente con actividades ecuestres. Nuestro objetivo era estudiar la artesanía tradicional y los procesos de artefacto en cuero (guasquería) en la ciudad de Jaguarão, tomando en cuenta el saber/hacer/ del guasqueiro/artesano entender si ha habido cambios y la conservación-transformación de las técnicas de producción. La metodología consistió en una propuesta etnográfica a través de la entrevista semiestructurada con 04 guasqueiro/artesanos. Se observó que todos los entrevistados han vivido o trabajado en el campo y que los artefactos tradicional/contemporáneo persisten las técnicas y el modo de producción - el saber/hacer - entre individuo aprendiz y el maestro tradicional; por último, la visión de los informantes, en relación con su trabajo, es que para ser considerar un guasqueiro es necesario trabajar con cuero crudo y dominarlo para trabajar manualmente. Concluimos que el guasqueiro sigue produciendo sus obras con las mismas técnicas de producción, mantiene rasgos tradicionales, modifica estilos pero guardan el saber/hacer, incluso en el contexto Mercantil.

**Palabras-clave:** Artes; Guasquería; Tradición; Modernidad; Cultura popular

## **1. INTRODUÇÃO**

A guasquería apresenta características próprias e únicas de trabalhar o couro cru, seja para criar um pequeno botão ou um intrincado laço. Etimologicamente sua origem vem da palavra Huasca derivada da palavra quéchua que significa couro, assim surge a guasca e o indivíduo que pratica essa forma de artesanato é o guasqueiro, trançador ou sogueiro.

Essa forma de trabalho em couro surgiu com a introdução do gado bovino na região sul da América Latina no século XVI, se destacando no século XIX, com a abundância de couro e a necessidade de objetos para auxiliar na lida com esses animais, surgem os aparatos equestres em couro cru como selas, laços, cabeçalhos, boleadeiras, rebenques e outros. Onde o guasqueiro conhecedor da matéria-prima e do meio que trabalha, cria de forma individual com destreza e paciência, peças ricas em detalhes, com desenhos intrincados e complexos que necessitam de muitas habilidades para serem produzidos.

Sendo considerada uma prática artesanal, a guasquería, passa por um processo de ressignificação em meio a mobilização da valorização das culturas, das memórias coletivas/individuais e identidades locais, frente a sociedade homogeneizadora. Passa a ocupar um novo espaço, cumprindo uma outra função, seus objetos têm novas utilidades e conceitos, o que possibilita que essa técnica de trabalho manual em couro cru se mantenha no contexto atual. É importante destacar as mudanças ocorridas na modernidade por meio da sociedade de consumo uma certa padronização da arte, onde o objeto passa a ser consumido em série perdendo elementos de sua originalidade criadora que são descartados em forma de uso e desuso. Em contrapartida o artesanato apresenta obras únicas e criativas, que são suportes de grandes valores simbólicos, revelando-se uma polissemia de interpretações socioculturais. Assim, sendo considerado uma cultura popular, absorve elementos da modernidade, dessa maneira é preciso conhecer todo o processo envolvido na produção, consumo e circulação de peças artesanais para compreender a complexidade envolvida nesse ofício cultural-tradicional que se modifica.

Observando que não existe um confronto destrutivo entre modernidade e tradição, podemos pensar então, que a tradição passa por uma ressemantização e começa a adquirir novos valores, logo, o próprio artesanato tradicional visto como cultura popular obtém essas novas interpretações e carrega novos sentidos, sendo que a obra artesanal material também tem valor imaterial simbólico, que contribui para a formação da identidade do artesão e dos indivíduos que adquirem essas obras. Embora, tradição possua em seu sentido original a ideia de costumes, de hábitos transmitidos de geração a geração que devem permanecerem imutáveis. No

entanto, essa ideia deve ser considerada em uma perspectiva de que até as tradições se modificam, que não tem como se manterem sempre “puras”, sem sofrerem qualquer forma de influência, já que é uma criação social e cultural, e no distanciamento tempo espaço nada se mantém em sua originalidade, sem intervenções, pois a cultura está sempre se modificando, e se readaptando ao meio e aos sujeitos (HOBSBAWM e RANGER, 1984).

O desenvolvimento tecnológico industrial da modernidade, não "apagou" as técnicas artísticas da cultura popular, e essa não pode ser vista apenas na categoria estereotipado de que o popular é algo que não aceita mudanças. Visto que, a diversidade abrange todos os campos culturais. Percebendo a relação cultura popular e modernidade, no sentido de que existe espaço para as representações dos artesanatos tradicionais, se tem a ruptura com algumas diretrizes desses, permitindo a reformulação e o surgimento de novas formas de representação, porque, para uma tradição artesanal sobreviver, ser transmitida e suportar todos os empecilhos do tempo, é preciso que esta se adapte às circunstâncias socioculturais ao qual está inserida, já que, o novo é o velho, o tradicional e o moderno se complementam.

Assim, o artesanato, especificamente em couro, é uma prática cultural que possui um valor simbólico em suas técnicas de modo de fazer, cujo artesão é denominado de *Guasqueiro*, que significa aquele que trabalha com guasca, que podem ser correias e cordas de couro cru, para tanto, é necessário que na modernidade se apresentem caminhos apropriados para que esses produzam suas obras e para que novos indivíduos começem a praticar esse importante trabalho artesanal. Logo, o artesanato pode ser visto como um ofício popular com valor sociocultural que cria novos objetos e/ou conserta objetos de uso cotidiano, mantendo estruturação de produção tradicional ou contemporânea, ressaltando que há espaço para o novo, como isso o artesão torna se um indivíduo capaz de dominar as técnicas e os conhecimentos de trabalho manual para criação de seus objetos, utilizando de um olhar estético crítico de confecção e possuindo um sentido apurado que dá origem a peças únicas, que se diferem da produção mecanicista padronizada.

A atividade de guasquería em Jaguarão, município que se localiza no extremo sul do Rio Grande do Sul e que faz fronteira com a cidade de Rio Branco no Uruguai, pode ser considerada como complemento de renda familiar, profissão ou apenas como prática de continuidade da tradição. O mercado para esses objetos populares tradicionais, na maioria dos casos, é representado por estabelecimentos de correaria, de veterinárias e por encomendas. O consumo se apresenta pelos indivíduos sociais e culturais que possuem relações diretas ou indiretas com atividades ligadas a área rural, como a equestres. A partir disso, este trabalho procura promover um estudo etnográfico através da análise dos processos artesanais do artesanato em couro (guasquería) na cidade de Jaguarão (RS). Pretendeu-se descrever os relatos de vida e as obras desses artesãos/guasqueiros, identificar as técnicas de criação do modo de fazer dos artesãos/guasqueiros, apontar os motivos que levaram esses artesãos/guasqueiros a produzirem o artesanato em couro, e finalmente, observar se ocorre a adoção de novas técnicas de modo de fazer o artesanato em couro.

## 2. DISCUSSÃO

Conceituar a prática artesanal é discorrer sobre os diversos âmbitos de formação de uma sociedade, levando em consideração as mudanças, o tempo, o espaço e o sujeito. Esta prática artesanal-cultural engendra todas as esferas socioculturais e é detentora de valor simbólico e de capital humano. Para tanto, o artesanato pode ser definido como algo heterogêneo, é uma expressão cultural que está entre a tradição e a modernidade. Seu grau de valorização se apresenta pela característica que possui de ser meio de inclusão sociocultural, uma vez que, é fonte de geração de renda, é uma profissão, um condutor de resgate dos valores culturais e locais. Do mesmo modo, o trabalho artesanal possui a característica de ser uma atividade de produção manual exercido em sua grande parte por grupos sociais familiares de forma informal como uma complementação de renda e faz parte da sociedade contemporânea (KELLER, 2014).

Com isso, uma peça artesanal passa por todo o processo de criação, manutenção e circulação, nesse sentido torna-se um produto econômico, pode ser consumido, e atende algumas exigências do mercado contemporâneo, mas, deve-se perceber que um objeto artesanal não é meramente um produto comercial “vazio” de

valor, ao contrário permeia pela esfera do sistema mercantil como uma forma de inclusão do sujeito social, e deve manter sua produção, através da venda de suas obras, porém essas não perdem suas características simbólicas, elas apenas passam por uma adaptação necessária para manterem-se ativas. Logo, o artesanato é uma atividade de produção e criação expressamente humana, e atua nas dimensões arte/técnica, material/imaterial, tradição/modernidade e cultura/economia (BOURDIEU, 1996).

O artesanato carregava em si uma significação homogênea de tradição, era uma prática de criação e aprendizado transmitida das gerações mais antigas as mais novas, sendo imutável, algo meramente reproduzível. Para tanto deve se levar em consideração essa relação sinônima entre artesanato e tradição, onde os sujeitos sociais tinham o artesanato como meio de sustentação econômica e compunham o meio social tradicional. Nesse caso, “naturalmente” vinha em sentido de oposição a sociedade industrial moderna, mas, perceber alguns vestígios sociais tradicionais é simultaneamente uma forma de não percebe-lo como pertencente da contemporaneidade, diminuindo sua importância para os indivíduos que sobrevivem através dessa forma de produção (ALVIM, 1983). Já que a tradição nesse sentido era estagnada, pura e conservadora, não podia ser “destruída” pelos males da modernidade, assim o artesão não poderia manter métodos tradicionais em suas obras visto que tradição e modernidade estariam em campos opostos.

A partir disso a tradição comumente era definida como os costumes e os ritos do passado que são transmitidos de geração a geração com as mesmas características originais, porém, ressalta HOBSBAWM e RANGER (1984) que essa visão do senso comum faz com que a tradição seja meramente algo estagnado no tempo e no espaço, ocorrendo a perda do sentido e do valor da manifestação cultural, passando a ser apenas algo que sobreviveu as mudanças, mas ela é o elo que une o passado e o presente, se adequando as necessidades dos indivíduos. Desse jeito, os costumes permanecem, pois ganham um novo significado, uma nova função que os diferem do sentido original, então as tradições são mutáveis, permanecem algumas características e outras se perdem ou passam por uma reinterpretação. Porque, “toda tradição é uma invenção”, com origem no passado podendo ou não se manter no futuro, mas que sofrerá alterações. Com isso, surge a

necessidade de inventar-se novas tradições que sejam flexíveis e adaptáveis tanto para a procura como para a oferta.

Então, a tradição assim como artesanato, é uma criação do homem, e uma maneira de suprir uma necessidade, é retransmitida e sofre reinterpretações. De modo que, não tem como se manter totalmente original, a sociedade está sempre em movimento, nunca para, o tempo passa, tudo muda e se transforma, novos valores vão ser criados em oposição aos valores tradicionais existentes, que iram perder seu espaço (LENCLUD, 2013). Para que os saberes tradicionais sobrevivam ao ciclo natural de criação/transformação social, são necessárias as concessões de moldarem-se as alterações impostas pelo contexto em que estão inseridos. Caso contrário iriam desaparecer e novos hábitos e costumes serão idealizados. Deve-se compreender que a tradição é uma forma de conservação e de ruptura, se conserva algumas essências que determinada cultura deixou e se rompem outras que não são mais possíveis de serem absorvidas pelo novo espaço social.

Com tudo, tradição deve ser vista como mutável e não estagnada, formadora de novos estilos de vida e atores sociais, possuindo base de criação real ou imaginária, dando origem a diversos símbolos e valores culturais que serão adotados pelos sujeitos sociais ao longo do distanciamento tempo e espaço. Já que, essa está sempre em um processo de resimbolização e possui característica remanescente da repetição, porém está em constante renovação (LUVIZOTTO, 2009). Sua relação com a modernidade se apresenta no sentido de oposição, já que o velho e o novo não devem permanecer em um mesmo espaço, a sociedade moderna seria a antítese da sociedade tradicional, de tal modo, todas as formas de organização social tradicional serão modificadas e substituídas, tudo antes criado seria destruído. No entanto, para a modernidade não há necessidade de que as tradições sejam eliminadas, e que os grupos populares tradicionais fiquem as margens do modelo social moderno.

Conforme identifica HALL (2003), a transição do capitalismo agrário para o capitalismo industrial, faz com que a tradição popular torne-se frente de apoio contra “reforma totalizante” reeducadora do povo, tendo o tradicionalismo como retrogrado, conservador e antiquado, algo a ser combatido, acontecendo então a destruição do estilo de vida específico (rural/tradicional) e sua transformação em algo novo

(urbano/industrial). Percebendo que essa transformação nada mais é que tornar algumas práticas e ações culturais marginalizadas, expulsando-as do centro da vida popular, entretanto, não caem em desuso são descartadas, ao longo da modernização e assim outras formas de vida mais apropriadas as substituem. Ocorre um trabalho ativo nas tradições para que essas sejam reconfiguradas e tornem-se outras diferentes.

Nesse contexto, segundo JAMESON (2004), modernidade é o período de tempo a partir do qual a inovação tecnológica passou a ser indispensável a vida em sociedade. Então, modernidade e tecnologia formam um todo, são interdependentes, são sinônimas, onde, os países passaram a buscar os mecanismos técnicos como geradores de mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas. As alterações nos estilos de vida do antes tradicional, originam-se a partir das Revoluções Francesa e Industrial, que modificaram todos os setores desde familiar, econômico e principalmente produtivo. Ocasionando a ruptura entre as classes sociais rurais de trabalhos manuais e as iminentes classes sociais urbanas de trabalhos industriais. Já para GIDDENS (1991), a modernidade é o modo de viver em sociedade com a adoção de novos costumes e estilos frente as transformações sociais que ocorreram por influência das inovações europeias do século XVII, rompendo como o ponto de sustentação e de seguridade que oferecia a tradição, trocando por um modelo de organização individualista e pautado pelo risco/perigo.

Todavia, a modernidade e a tradição não devem ser vistas como antagonistas, uma desejando a destruição da outra, já que consequentemente, a sociedade contemporânea está passando por um processo de valoração das criações populares e tradicionais, no caso o artesanato, vendendo-o como produto de consumo, por outro lado, essa “valorização” faz com que o artesanato tradicional popular tenha uma fonte de se sustentação e não sejam extintos. O sistema econômico vigente começa a perceber o artesanato como um mercado lucrativo de se investir a partir da crescente procura por essa forma de produção única, que permite o escape virtual dos produtos mecanizados. Ainda, segundo CANCLINI (1983), o sistema de mercado vigente, o capitalismo, constrói ferramentas unicamente voltada para a produção sociocultural da diferença, porém, absorve

elementos pertencente a outros modelos. Os objetos artesanais populares e tradicionais ajudam nessa inovação do mercado consumidor, à medida que, permitem-se adentrar a produção industrial padrão, dispondo de desenhos originais, diferenciados, variados e imperfeitos que os tornam únicos, com relações simbólicas que remetem a um outro estilo de vida, tudo isso a um custo baixo a sociedade atual.

Por isso, o artesanato preserva uma importante qualidade, de ser um elemento tanto econômico e estético, mas sem ser considerado capitalista, pelo fato, de utilizar em sua confecção ferramentas de trabalho manual, mas, está incluído no capitalismo como bem de consumo. Logo, o artesanato faz parte da cultura popular, que assim como a tradição, não é “pura”, ao contrário, é cenário de atuação das transformações, se reconfigura através de trocas simbólicas com a sociedade vigente, mas consegue de certa forma conquistar e preservar o seu espaço, como a cultura do “povão” e da “gente”. A partir disso, não existe uma cultura popular íntegra, autêntica e autônoma situada às margens das trocas de poder e de dominação cultural (HALL, 2003). Para tanto, a cultura popular pode ser interpretada como um sistema simbólico racional que exerce independência, que trabalha completamente “liberta”, sem sujeitar-se as regras da cultura elitista, ou ainda, em outro contexto, cultura popular construiria fortes ligações de dependência e troca com a cultura dominante (CHARTIER, 1995). O artesanato conserva características tradicionais e populares, que passam por ressignificações e transformações, que guardam intrinsecamente alguns resquícios de seus valores simbólicos originais que possibilitam ao artesão uma diversidade de saberes e técnicas de criação.

Em vista disso, o artesanato em couro cru denominado guasquería, vem da palavra *guasca*, derivada de quéchua língua do período incaico, que significa “couro”. É uma prática de produção popular e tradicional da região sul da América Latina. Surge com a introdução do gado bovino pelos colonizadores europeus no século XVI, o que promoveu muita matéria-prima para essa tarefa, se destaca entre os séculos XVIII e XIX com a demanda de artefatos em couro para utilizar em atividades equestres e na “lida” das grandes fazendas. Esse “destaque” acaba de pôr relegar o trabalho do guasqueiro, em uma visão elitista etnocêntrica a uma mera produção de objetos para animais, sem qualquer técnica ou estilo. Isso se comprova

no fato de existir poucos registros dessa atividade por parte dos historiadores, demonstrando o quanto o artesanato foi prejudicado pela marginalização da sociedade hegemônica. Mas a ligação da guasquería com as atividades de pecuária, equestres e também com o sujeito sociocultural tradicional representativo da região sul, o gaúcho, foi o que possibilitou a sua existência até os tempos atuais (GARCÍA, 2009).

Nos poucos relatos encontrados, viajantes e funcionários coloniais que passaram por essa região em meados do século XVIII, mencionam os objetos criados pelos guasqueiros como botas, boleadeiras, selas, freios, bainha de facas e demais aparatos (TASSO, 2001). Assegurando a presença artesanal nessa sociedade de “bárbaros” que os diferenciava da sociedade dita civilizada. Consequentemente, não se referem ao artesão/guasqueiro, nem suas condições de trabalho, nem os processos de criação do objeto artesanal.

No entanto, o trabalho de criação do artesão/guasqueiro é constituído pela dominação da técnica e de uma forma de fazer própria. Considerando que a atividade de *guasquería* não está isolada de um contexto temporal e histórico, este artesão com seu objeto criado se relaciona com o mundo social e o mundo simbólico, o mundo material e imaterial, o mundo real e o mundo imaginário. Com um profundo aprimoramento de sua capacidade de reconhecimento estético e sensorial. Contemporaneamente o artesanato em couro é uma profissão, não apenas a complementação de renda, sua valorização cultural e também mercantil permite ao guasqueiro se dedicar exclusivamente a esse ofício.

### **3. DISCUSSAO METODOLÓGICA**

O público alvo dessa pesquisa foram 04 artesões/guasqueiros que trabalham com artesanato em couro na cidade de Jaguarão. Confirmando o saber fazer tradicional desses sujeitos em suas criações. Desde a produção, manutenção e circulação dos objetos em couro. Evidenciando que esse ofício ainda permanece sendo praticado e que faz parte de uma tradição que se readaptou ao contexto social para não desaparecer.

O método de pesquisa utilizado para realizar o objetivo geral proposto neste trabalho foi a pesquisa qualitativa etnográfica. Entendendo a etnografia, como uma

categoria da pesquisa científica de caráter qualitativo e interativo. Uma vez que, como afirma CHIZZOTTI (1991) a metodologia qualitativa parte da reflexão do comportamento humano em diferentes contextos, levando em consideração os sentido, as ações e os símbolos. Usou-se a técnica de observação sistemática direta que se apresenta como a coleta de informações que utiliza os sentidos ver e ouvir, de forma direta. Os fenômenos foram percebidos no local de investigação pelo próprio investigador em um determinado período de tempo.

Onde ocorre a estimulação do uso dos sentidos, ao exercitar o ouvir/escutar e o olhar observador livre de críticas, possibilitando ao pesquisador realizar um movimento de deslocamento de seu espaço cultural conhecido e seguro, para o meio sociocultural do sujeito/objeto a ser analisado, em uma ação participativa de tempo determinado (MARCONI e PRESOTTO, 2011). Levando em consideração o fato de que a etnografia abarca a experiência humana valorizando os aspectos da complexidade que envolve a vida cultural, evidenciando os elementos que ficam esquecidos, e principalmente as trocas, os contatos, o saber, o fazer, as técnicas e o contexto já que o homem e o meio são indissociáveis. O fazer etnografia como afirma GEERTZ (2008) é criar relações em meio a informações que se desencontram, em um contexto que apresenta linguagem própria, transitória e desconhecida ao olhar do pesquisador.

A partir disso, a pesquisa foi realizada através de entrevistas semiestruturadas aberta com 04 artesãos/guasqueiros tradicionais da cidade, conhecendo as histórias de vida a partir do “olhar” desses sujeitos objeto da pesquisa, o saber fazer da guasquería por meio de relatos pessoais. Os dados foram coletados individualmente com cada sujeito pesquisado, demandando cerca de três meses intercalados no turno manhã/tarde. Para a obter essas informações seguiu-se um roteiro semiestruturado que possuía algumas categorias de análises principais da pesquisa como os relatos de vida, as técnicas tradicionais/contemporâneas, o saber/fazer, o meio urbano/rural e a visão do guasqueiro em relação ao seu trabalho.

Logo, a entrevista semiestruturada permite certa liberdade nos questionamentos, apoiando-se em uma abrangente área de interrogações que possibilita ao entrevistado seguir uma linha de pensamento ao relatar suas

experiências, já que a entrevista proporciona ao sujeito espaço para manifestar-se. Então, tendo como instrumento de trabalho o diário de campo e secundariamente o uso de elementos visuais como a fotografia, que retratará as técnicas de criação do objeto artístico. Para MACDOUGALL (2006), o caráter figurativo da imagem fotográfica permite ao operador do instrumento fotográfico (pesquisador) refletir sobre as igualdades e as diferenças entre seu espaço cultural e a cultura retratada na imagem, conduz a uma reflexão sobre os desencaixes do tempo. Em uma descrição minuciosas dos fatos, em observar, registrar, analisar, conhecer e relatar. Assim, relacionando sempre com o referencial teórico utilizado. Pois, o fazer etnografia se caracteriza pela observação e interpretação das culturas, do sujeito e do objeto, do tempo e do espaço, das crenças e dos hábitos, percebendo a cultura em todos os seus sentidos.

## 4. RESULTADOS

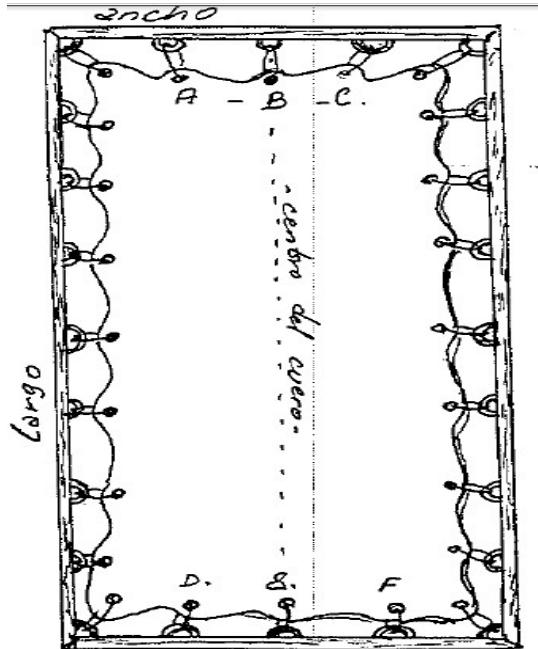
### 4.1. A guasquería

A guasquería é uma técnica artesanal em couro que apresenta em sua estrutura de produção nomenclaturas únicas para designar a criação de suas obras. Para isso serão exemplificados alguns desses termos, que são essenciais para a compreensão do que vem a ser o trabalho do guasqueiro. Em um primeiro momento ocorre a obtenção e a escolha da matéria-prima, que no caso é o couro de animais, normalmente da espécie bovina. Pode se conseguir esse material por meio da compra em frigoríficos ou de forma tradicional com a *carneada*, onde ocorre o abate do animal e consequentemente a retirada de seu couro.

Em seguida esse couro será limpo (com água e sabão natural) e será *estaqueado* (Figura 1), esse processo consiste em colocar o couro em um suporte de madeira (estacas) para secar ao sol. Depois de seco (Figura 2) esse é extraído das estacas e será *lonqueado*, os pêlos que cobrem o couro serão raspados com o auxílio de uma faca ou navalha, com toda atenção para não causar danos ao material. Na sequência esse couro irá ser cortado em *loncas* (Figura 3), e depois *sovado* com o sovador que é um pedaço de madeira usado para amaciar o couro. Logo o guasqueiro dará início a tirar *tentos*, que são tiras finas em couro utilizadas para trançar e criar peças que compõem os arreios de montaria como cabeçalhos

para freios, rebenques, botões, corredores e ferramentas para auxiliar a lida campeira.

**FIGURA 1.** Couro Estaqueado



**FONTE:** FAUDONE, 2004;p.11.

**FIGURA 2 e 3-**Nas imagens abaixo a fig.2 são o couro seco a matéria-prima para a guasquería, já a fig.3 são loncas (tiras de couro) prontas para serem trabalhadas.



**FONTE:** Imagem realizada pela autora

#### **4.2. Os relatos biográficos: nossos guasqueiros**

Os relatos dos indivíduos que trabalham nesse ofício, os guasqueiros, são importantes para compreender quem são esses sujeitos e como vivem em seu espaço social e cultural. Como o informante J.S que tem 38 anos é casado e tem dois filhos, natural de Jaguarão, vive na Bela Vista bairro na zona urbana da cidade desde que nasceu, cursou até a sexta série do ensino fundamental, para ele tem muita coisa que se aprende na escola que não fazem falta em sua vida, mesmo se tivesse cursado o 2<sup>a</sup> grau ainda iria fazer guasquería, foi a forma que ele escolheu para viver. Na casa em que vive atualmente, morava um senhor que trabalhava com cordas então ele aproveitou a estrutura do local para ser seu ateliê. Não tinha a guasquería como um serviço era apenas uma forma de se manter enquanto não conseguisse outro emprego.

Já M.T tem 48 anos é casado e tem apenas um filho, natural de Jaguarão reside na zona urbana da cidade, em sua casa tem um comercio de produtos alimentícios é possui um extenso pátio no qual cria alguns ovinos. Seu ateliê fica situado em um galpão no fundo de seu estabelecimento. Quando mais novo sempre morou na campanha e sempre trabalho no campo. Saiu da zona rural onde morava com sua família para a zona urbana para trazer seu filho para estudar e para não se separar de sua família abandonou o campo e montou um negócio próprio é começou a trabalhar com guasquería profissionalmente.

Do mesmo modo, o informante J.S.S tem 72 anos é natural do Uruguai, seu pai era brasileiro de Herval, mas foi muito novo para o Cerro Largo no Uruguai, onde conheceu sua mãe, teve 7 irmãos, estudou até o 3<sup>a</sup> ano do primário. A profissão de seu pai era ser contrabandista de produtos como cachaça, pelegos e outros. Contrabandeava por terra entorno de 200 perus, ainda menino Justus acompanhava seu pai a pé enquanto esse montava em seu cavalo carregado de malas. Tinha um comprador que morava em Jaguarão. Cresceu em suas palavras “*a empurrar peru por terra e a vender ovo de quero-quero nas porteiras para os clientes que o conheciam*”.

Logo, o guasqueiro P.G.D tem 81 anos é casado tem 3 filhos, natural de Jaguarão criou-se na campanha seu pai tinha uma chácara que criava ovelhas, plantava milho e fazia queijo. Criou-se fazendo “arte” geneteando em terneiros

bravios e vaquilonas com apenas o laço e o pelego, sai escondido de seus pais junto com sua irmã para brincar no campo cheio de chilca (tipo de forrageira). Conta que sabe costurar manualmente e na máquina, bordar pintura com agulha e faz tricô, ensinou suas filhas a usarem a máquina de costura quando sua esposa não estava em casa, já que ela não gostava de as meninas utilizarem essa ferramenta.

Nesses relatos de vida fica em evidência os fatos em comum que todos possuem como residirem na zona urbana, mas terem uma ligação com a zona rural por terem morado e trabalhado nesse contexto espacial. Dessa forma, a zona rural, um espaço considerado tradicional, influenciou esses sujeitos na formação de suas identidades, eles começarem a lidar com a guasquería por estarem inseridos nesse espaço social. Por pertencerem a esses dois contextos, esses atores sociais conquistaram muitos saberes que permeiam suas vidas e o modo como se comportam diante da sociedade. Assim, por mais que a guasquería seja uma prática tradicional, como afirma HOBSBAWM (1984) o tradicional também se transforma e se adapta para sobreviver as mudanças, como os guasqueiros que através desse ofício eles mantêm hábitos rurais em um espaço urbano.

#### **4.3. O saber/fazer- a técnica tradicional/contemporânea**

É a partir do saber/fazer que esses sujeitos sociais transformam seus meios de vida, não é apenas uma necessidade, uma tarefa ou uma profissão, vai além disso é toda uma técnica de conhecimento que foi aprendida por esses, como relata o informante J.S que começou a fazer guasquería com 22 anos de idade, observou uma pessoa fazendo e em suas palavras “*me apaixonei, foi amor à primeira vista*”, aventurou-se a aprender apenas olhando esse indivíduo fazer, conseguiu apenas superficialmente, mas como era muito insistente e procurava saber, arrumou um emprego de campeiro na cidade de Herval, e em seu tempo livre começou a estudar em livros de edição em português, chileno e argentino. Foi se aperfeiçoando com quem sabia, “*pois, olhar no livro e fazer é muito diferente, e a gente aprende sempre, todos os dias estamos aprendendo*”. Com isso, procurava aprender com outros guasqueiros mais experientes. Possuía o conhecimento de como fazer um botão, mas não sabia como finalizar, como colocar e nem posicionar as mãos.

Conta que tinha um senhor “lá fora” que lhe ensinou a tirar o couro, a pelar (lonquear) e a estaquear, mas não ensinou a como “pegar” em couro seco, o que

para J.S é o jeito mais fácil de conseguir a matéria prima, comprando o couro já seco. Seja do “*matadouro*” (frigorífico) ou da cooperativa da cidade. Acredita que a produção de cordas é um comércio rentável. E para ser guasqueiro tem que se ter paciência e um certo gostar de fazer, não existe divisão de tarefa, é uma produção manual, tem que ter a mão do guasqueiro em tudo. Em dias em que não está disposto a criar ele fecha seu ateliê e não produz nada. Em sua fala revela que “*isso é artesanato, não é como uma fábrica que sempre vai sair certo, é artesanato comum nem sempre vai sair perfeito*”. Demonstrando em sua fala a diferença que o artesanato tem em relação ao produto industrializado. E é nessa imperfeição que o artesanato constrói seu espaço, através de desenhos criativos, diferentes, que os tornam singulares. (CANCLINI ,1983).

Já para criar suas obras ele se espelhou muito em outros guasqueiros, se apoio em que já era experiente na área. Seu trabalho como considerava inicialmente era “*xucro*”, rústico, mas o senhor J.S.S, um dos informantes nessa pesquisa, foi que lhe ensinou a torna sua técnica de criação melhor e mais apropriada. Conta que em conjunto com um amigo trouxe através do SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) um professor de São Lourenço para ensinar em curso os aprimoramentos das técnicas de saber/fazer. Observa-se claramente a procura de aprimoramento que o informante J.S busca constantemente seja através de suportes físicos de conhecimentos como livros ou por meio de outros guasqueiros experientes.

Com o senhor M.T foi diferente ele aprendeu guasquería com 8 anos de idade desde “*guri, quando pode agarrar uma vaca*”, seu pai lhe ensinou, fazia cordas em couro para auxiliar no serviço do campo, eles moravam na campanha. Quando mais velho M.T tornou-se campeiro e fazia suas próprias cordas para usar na lida, afirma que “*depois mais adiante que tu viras guasqueiro e só trabalha nisso é diferente de trabalhar como peão*”. Segundo ele seu pai não tinha técnica para ensinar, eram coisas mais simples feitas com couro, em suas palavras “*assim para fazer um botão uma rédea não precisa tapar era uma coisa mais simples trançar, sovar o couro essa coisa assim*” fazia tranças para rédeas, cabeçalhos e outras peças, seu pai lhe instruiu porque fazia para si próprio, enquanto observava seu pai a produz começou a criar também.

Para ele guasqueiro geralmente é aquele que “*começa com couro, estaqueia e lonqueia para fazer as cordas*” faz tudo isso para deixar ele pronto para trabalhar, esse couro vem fresco ou verde para ser coreado, estakeia para secar retira da estaca lonqueia-se, e corta-se na medida em que se deseja. Trabalha com dois tipos de couro o branco que vem de fábricas (curtume) é com couro cru, que para ele é serviço do guasqueiro mesmo. Faz laço de couro torcido e trançado. Sua técnica, afirma “*a gente vai melhorando né, mas isso não muda muito*”. Existem algumas produções mais finas do que outras em que se usa tentos finos, como em *rastras* (tipo de cinto utilizado na indumentária gaúcha), possui um manual onde aprendeu a fazer *tapume* (serve para vedar/tampar o botão) ele vê em um livro algumas obras e modifica-as para adequá-las ao seu gosto, principalmente com tapumes e corredores. Explica que *lonca* é couro de cavalo e apenas couro é de vaca. Tem preferência em lidar com lonca (figura 04) por sempre ter tido cavalo quando morava na campanha e quando algum morria ele retirava o couro, outro fato é que a lonca é forte e mais fina para tirar o “*tentinho*”.

**FIGURA 4.**Tirando o Tento da Lonca



**FONTE:** Imagem realizada pela autora

A guasquería no apenas olhar parece difícil, mas M.T afirma “*com prática depois de tu aprender e que nem estudar vai tranquilo*”. Menciona que tem um manual para ensinar a guasquear leu algumas vezes e retirou muitas coisas dele a muito tempo. As primeiras técnicas que aprendeu foram as tranças de 4 e 5, a fazer e forrar botão, pois “*quando se bota um tento por cima e trança e de 4, 5 e 8 são as coisas que se aprende*”, já sabia fazer arremate onde se arremata a trança na argola para fazer um buçal para cavalo, muitas peças e formas de manusear o couro ele aprendeu nos livros, diz que “*a base da gente é os livros quando não se aprende com os livros tu aprende com os outros*”. Ressalta que há trabalhos mais difíceis que por isso é bom olhar nos livros, nunca fez cursos, há alguns, mas não teve interesse, porque em sua opinião era o básico, só para as pessoas entenderem um pouco sobre a produção da guasquería, é por isso, não quis participar. Em relação a internet afirma que já olhou certas coisas, mas não se apegou muito a esse meio de pesquisa.

Por mais que façam encomenda geralmente segundo ele relata são sempre as mesmas coisas, quando lhe pedem para consertar uma rédea destruída tem que fazer a mesma coisa, suas ferramentas são manuais, uma velha faca de cozinha, um cravador e um alicate. Ensina que quando se produz tentos, por exemplo para laço, existem outras ferramentas de uso como os rebaixadores, mas que são feitos em casa, nada que ele utiliza foi comprado de fábrica, os rebaixadores auxiliam para tirar tento grosso para não rebaixar a faca. Quando se tira 14 braças para fazer um laço, tira-se o tento na volta, é algo bem trabalhoso de se fazer, tem de seis e de oito tentos. Toda a parte de couro que vai nos arreios do cavalo ele produz, antes fazia apenas para si mesmo para economizar e não precisar comprar, atualmente é sua profissão. Compra o couro branco de Pelotas e o couro cru consegue através de conhecidos quando esses carneiam alguma vaca.

Nesse sentido, o informante J.S.S diz que o pouco que aprendeu com outra pessoa foi com o seu pai, que sabia fazer, mas não fazia muito, quando produzia algo esse lhe ensinava, mas, mandava que ficasse atrás e olhasse o que ele estava fazendo e depois explicava. Com o tempo J.S.S começou a aprender por conta própria. Foi quando tinha 60 anos que lhe deram um livro, ao qual ele folhou apenas uma vez é o mesmo permaneceu em uma gaveta ou emprestado para alguém.

Trabalha com os dois tipos de couro o branco e o cru. Antes só tinha o couro cru, quando começou com 10 anos, tinha um amigo da família que lhe dava entorno de 30 peças de couro e seu pai chegava a queimar alguns devido à grande quantidade de matéria prima. Foi nessa época que começou a aprender a guasquería, hoje em dia existem os couros de curtumes que ele compra de Pelotas e de São Lourenço principalmente encomenda couro de búfalo. Os couros crus seus conhecidos lhe dão. O couro verde de Búfalo é muito difícil para se manusear é um material duro, já o industrial é muito adequado. Em relação a sua forma de trabalhar (figura 5 a 7)) afirma “*nunca mudei minha técnica de trançar, não procuro novas tendências, o que eu fazia antes faço ainda, nunca fiz um curso*”.

**Figura 5 a 7.** Nas imagens abaixo o guasqueiro na fig.5 está separando os tentos para começar a tranças, na fig.6 inicia-se a tranças passando um tento pelo outro já na fig. 7 observa-se a trança pronta para ser finalizada enquanto se inicia outra de 8 tentos.



**Fonte:** Imagem realizada pela autora

Ressalta que é um guasqueiro e um artesão “*porque vejo os que se consideram artesão e fazem uns trabalhos tão assim, então por que não posso ser também se eu faço esse trabalho tão rico*”. Suas ferramentas são manuais como o furador, a faca, o alicate usa um chifre de touro para “*ajeitar*” o serviço para finalizar e dar acabamento, aprendeu a usar essa ferramenta com seu tio. Não tem nenhuma ferramenta industrializada. E dessa forma, ensinou suas técnicas para seu filho. Consegue a lonca em Porto Alegre, usa-a para arremates. Em suas palavras diz “*a trança está em extinção ninguém quer mais fazer*”.

O senhor P.G trabalha apenas com couro cru, ensina a sequência matar a vaca, tirar o couro, lonquear o couro com a faca, com os mesmos movimentos de fazer a barba, possui 30 facas afiadas apenas para trabalhar o couro e um

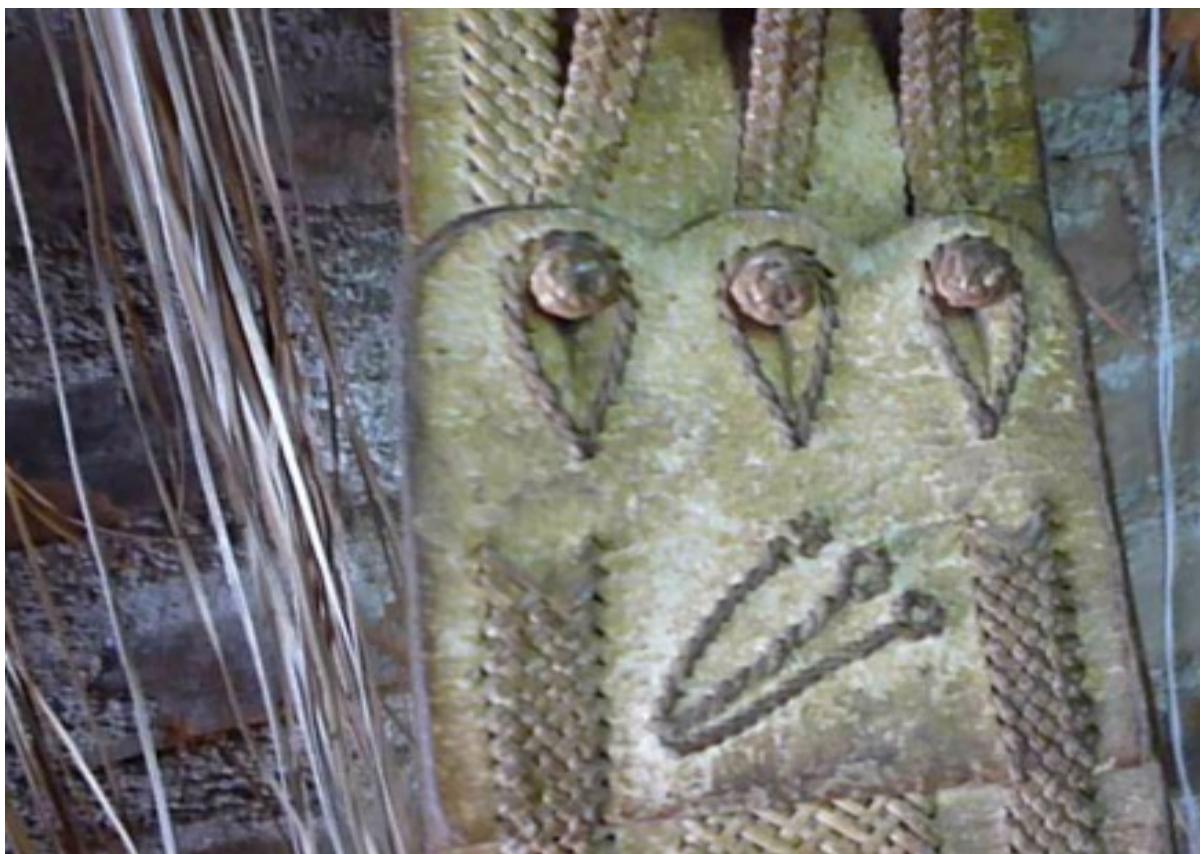
colecionador desse utensílio. Seus cravadores (figura 8 e 9) ele mesmo fabrica, esses auxiliam no tramação dos tentos para criar peças finas como rastras (figura 10).

**FIGURA 8 e 9.** Nas imagens abaixo a fig.8 é um Cravador de furação e costura de tentos, já a Fig.9 é o Cravador de passar tento utilizado para fazer tramações.



**FONTE:** Imagem realizada pela autora

**FIGURA10.**Rastra tramada com cravador



**FONTE:** Imagem realizada pela autora

Produz seu trançado com couro cru sovado a pau, aprendeu a guasquería porque era curioso, olhou é gostou diz que “*assim com laçar aprendeu com a estupidez, cheguei a pegar 13 potros eu e meu cavalo que só faltava falar*”, com 20 anos lhe deram uma tira de couro, quem é campeiro tem que ter corda, seguiu trançando, emendava seu próprio equipamento, fazia tento grosso em um primeiro momento, quando viu um senhor explicando para outro como se trançava, pegou seus tentos e praticou quando pronto mostrou para esse que lhe disse que está pronto para ser guasqueiro, em suas palavras P.G respondeu “*não sou louco e nem burro para não aprender*”. Com isso, a guasquería mantém características tradicionais, então possui o caráter na repetição que uma qualidade que possibilita que os sujeitos sociais aprendam uma técnica que sofre com as transformações do tempo e as ressignificações. (LUVIZOTTO, 2009).

Deste modo, P.G faz o trabalho em couro porque gosta do ofício, emenda laços de 06 e 08 tentos emenda os de 04 que se chamam *irreri* (de acordo com o informante P.G), quando a trança se corta se une os tentos para não ver a emenda, com isso “*se emendava de 04 emendava de 06 sempre fui bom em matemática de tanto para tanto dá tanto, na trança se deixa uma para trás trago para frente para não sobrar no final*” e assim para não ficar isolada a trança o tento de trás se une com o da frente. Em relação a sua técnica de saber/fazer mudou algumas coisas, foi melhorando. A técnica básica manteve, logo, se errar uma passada no início tem que voltar tudo se não encontrar o erro, e muito menos fazer “*enjambre*”. Para sovar (figura 11 a 13) tem que ter uma certa lógica, uma “*feição*” (jeito), não pode bater de qualquer forma. Consegue a matéria-prima para sua produção através da doação de conhecidos que lhe trazem o couro cru bovino ou quando lhe convidam para carnear, uma tarefa que faz com gosto como explica “*carneia-se por diversão, gaúcho faz por diversão*”.

**FIGURA 11 a 13.** Nas imagens abaixo, na fig.11 o guasqueiro está torcendo o couro para sovar do lado interno, já na fig.12 o guasqueiro está sovando e na fig.13 o mesmo está passando a mordaça para amaciá-lo.



FONTE: Imagem realizada pela Autora

#### 4.4. O contexto urbano/rural

A relação rural e urbano de maneira não conflituosa possibilita que a guasquería permaneça como demonstra o informante J.S, reside no espaço urbano, mas sempre trabalhou na zona rural ou como ele diz para fora, em estâncias. Há 13 anos atrás ele montou seu negócio independente de guasquería na garagem de sua casa que já possui uma estrutura para a produção de guascas, mas “quebrou”, porque como ele ressalta “nesse ramo sempre tem alguém mais forte, que já tem seus clientes no meio”. Do mesmo modo foi novamente embora, com um único objetivo em mente só iria voltar a tentar a guasquería unicamente quando o seu serviço estivesse valendo, tivesse comércio. Trabalhou 8 anos fora, logo, seguia ainda fazendo seu material e comercializando, com o tempo como afirma dominou o comércio porque, “tu tinhas um preço alto e eu chegava para vender, eu oferecia um preço melhor que o teu, eu conseguia com isso melhora a minha qualidade e subir depois meu produto”. Conquistando o mercado para seus produtos.

Se mantém a 04 anos exclusivamente como guasqueiro, não teve mais ameaças de quebrar novamente. Recebe algumas encomendas de fora da cidade como de Caxias do Sul e peças para criar com matérias finas do Chile, mas afirma, que não trabalha com material fino, no caso, não compra e faz peças com esses, já que sairia muito caro esperar que alguém comprasse essas peças. Apenas sob encomenda. Relata que na cidade a concorrência é diferente, a maioria dos guasqueiros são aposentados, e para ele se defender com o que cria, ele tem que ser mais rápido em produtividade, se o outro demora 03 dias para criar uma peça,

J.S terá que produz em 01 dia, uma vez que, ganhará 02 dias a mais para outros afazeres e se atrasar terá prejuízo. Sua renda chega a um salário e meio, não pretende mandar seus produtos para outras regiões, acredita que não terá como atender a essa demanda. Como diz “*trabalho com a cabeça voltada para fazer o meu produto e também voltada para onde eu vou vender*”. Comercializa seus produtos para cinco veterinárias da cidade. Quando percebe que seu ateliê está muito cheio de peças já prontas, ele para a produção, para economizar a matéria prima que ele compra.

Já M.T vive atualmente no espaço urbano tem um comercio que é sua principal renda, trabalha com guasquería como um serviço complementar há 06 anos. Começou a guasquear já que era o que sabia fazer, e como veio para a cidade não desejava seguir de empregado de ninguém, buscava sua autonomia profissional, dessa maneira era uma necessidade era seu serviço ou senão teria que buscar emprego no campo. Com o passar do tempo se fez movimento na venda onde coloca suas peças para a comercialização, conseguiu clientes e contato com o as pessoas. Sendo que, ele acredita que a cidade não oferece oportunidades para arrumar um meio de viver, por isso, que procurou trabalhar por conta, diz que dá para contar nos dedos as estâncias que contratam, porque, “*tudo agora é soja*”. Afirma que a guasquería não vai acabar, devido aos desfiles a cavalo e tem muito mais “*gauchito*” (jovens gaúchos/adolescentes) na cidade do que na campanha.

Assim, “*quem foi campeiro, quem não foi não vai ser mais porque se acabou*”. Seu filho não seguiu seus passos, nunca se interessou por aprender a trançar apenas gosta de cavalos, “*talvez se morasse no campo buscasse aprender como eu*”. Suas obras são vendidas também para Rio Grande. Tem alguns tipos de cordas mais caras, com mais detalhes e aprimoramentos que o valor comercial é mais alto. Onde o que mais vende são as rédeas e cabeçalhos, por encomenda. Criar guasquería ajuda em sua renda pois ele tem outro meio para se manter. Uma vez que, “*as pessoas que vivem disso tem o preço mais baixo e o comprador está sempre espera disso, não é culpa de ninguém é culpa do Comércio*”. Contudo, afirma que não conseguiria sustentar sua casa e família apenas com a produção de guasquería. Segundo ele não existem muitas pessoas que querem aprender, mas na cidade deve ter uns 11 guasqueiros. Com isso, HALL (2003), afirma que o

capitalismo faz com que o artesanato seja um objeto de consumo. Mesmo sendo um elemento popular e tradicional ele acaba seguindo algumas regras de mercado.

Dessa forma, J.S.S mora na zona urbana, possui fortes laços com o meio rural residiu por muito tempo nesse espaço como no Cerrito e na Costa da Lagoa. Suas obras têm compradores de Montevideo, não está enviando muito para o Uruguai porque está vendendo bem, já vendeu muito para São Paulo e Curitiba, seu filho ainda vende para essas cidades. Afirma que a produção de guascas vai longe por causa do mercado de cavalos crioulos. Tem pessoas que moram perto de sua casa que desconhecem que ele e seu filho trabalham com guasquería. Poucas pessoas procuram ele para que ensine. Acredita que a guasquería não vai terminar por causa do cavalo crioulo. O mercado para seus produtos são as encomendas e algumas veterinárias no Uruguai. As peças com mais aprimoramento são mais caras e as correarias de Jaguarão não compram, consequentemente, segundo CANCLINI (1983) os objetos artesanais populares contribuem na “alimentação” do mercado consumidor, na oferta de novos produtos.

O informante P.G mora em uma região urbana, seu ateliê é sua garagem. Sempre trabalhou no campo como campeiro e alambrador, ressalta que trabalhava bem era caprichoso não era como qualquer *chimbão* (relaxado, que faz as coisas de forma ruim). Quando morava para fora vinha a cidade de carroça, em sua antiga casa não tinha energia elétrica usavam lampião e quando lhe perguntavam se usava em sua plantação algum tipo de fertilizante em suas palavras dizia “*com que se come isso*”. Relata que já ensinou algumas pessoas que apresentaram dificuldades para aprender as técnicas de guasquería, por motivo de acreditarem que era um saber/fazer fácil, frequentavam sua casa uns três dias consecutivos e depois se cansavam e desistiam, não possuíam, em sua opinião persistência, mas se lhe pedirem ele ensina. Sua principal fonte de comercialização de suas peças é por meio de encomendas já que não vende para as correarias da cidade.

#### **4.5 A visão do guasqueiro em relação ao seu trabalho**

Para J. S o que mais vende em Jaguarão é peças em couro branco (figura 14 e 15). E tem que estar sempre se aperfeiçoando na guasquería, não ensina para outras pessoas, não possui tempo e nem paciência, “*tem gente que quer fazer, bah quero aprender, te tira o tempo todo e tu sabe que ele não vai seguir*”, no seu caso

quando tinha alguém disposto a ensinar ele aprendia e depois praticava por dias com os tentos, tinha facilidade no aprendizado. Faz o trabalho de guasquería porque gosta, acredita que a maioria dos que fazem tem que gostar verdadeiramente, senão não irão fazer. Seu local de trabalho pode estar desorganizado, o que importa e o que tem de estar bonito não é o espaço em si e sim o produto que sai desse. Diz que “*a maioria que vem aqui não se importa que tenha couro atirado no chão, importam se com o que está pendurado no mostruário, se colocar um bom produto com certeza esse será comprado*”. Possui um projeto para o futuro em parceria com um amigo de Caxias do Sul para a criação de um catálogo, para usar nas redes sociais para expor suas obras.

**FIGURA 14 e 15.** As imagens abaixo na fig.14 são Cabeçalhos em Couro Branco e a fig. 15 são Rebenques



**FONTE:** Acervo pessoal do informante J.S

Por isso, M.T acredita que sua profissão é artesão, tem a carteirinha que afirma esse fato. Tem dúvida em relação a denominação, para ele antes era apenas guasqueiro, mas agora surgiu o artesão. E quando foi fazer a certeira afirmaram que era apenas artesão, mas ele diz que “*eles não dizem guasqueiro quando se vai fazer a carteira aí não sei dizer pode ser guasqueiro pode ser acho que guasqueiro/artesão*”. A guasquería para ele é um complemento de renda, ele não conseguiria se manter apenas nessa produção. Como afirma KELLER (2014), o artesanato é um ofício manual que auxilia na renda familiar.

Para J.S.S ele poderia ser artesão já que “*inventaram isso agora*”, mas ele se denomina com guasqueiro é sua profissão, mesmo sendo aposentado. Seu trançado

é rico em detalhes, acredita que ser artesão e guasqueiro estão em uma certa igualdade porque artesão é aquele que trabalha manualmente e guasquería também. Já P.G afirma que é guasqueiro pelo motivo de trabalhar exclusivamente com couro cru, não usa o couro branco, não gosta da química que é empregada nesse material, nem se denomina artesão, não lhe “agrada”. Conta que tem peças suas na França, já que confeccionou travessões, botões e enfeites em couro, como pequenas flores em couro onde “era uma trança com tentos finos que formavam as pétalas” para colocar em ponchos que foram vendidos para esse país. Já criou brincos, colares e anéis de trançados em couro, usa um pequeno caderno para fazer o esboço dessas peças, menciona que “tem que ter astúcia para fazer todos os arremates dos tentos para criar uma trança de qualidade”. O artesanato em couro possibilita ao seu artesão/guasqueiro liberdade de criação de peças e adoção de novos estilos, ocorrem mudanças, novos valores e saberes são adquiridos pelo guasqueiro (TASSO,2001).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou a compreensão das técnicas do modo de saber/fazer do artesão/guasqueiro na criação de objeto em couro cru, observando se essas modificaram-se na contemporaneidade ou se elas se mantiveram tradicionais, se as ferramentas de uso para a produção eram industrializadas ou artesanais, conhecendo os fatores que motivaram os artesãos/guasqueiros a praticarem esse ofício secular e também como é o ateliê de produção desses e por que meio eles aprenderam essa prática. Descobrindo assim todas as etapas de criação desse objeto tradicional, as técnicas e os relatos da história de vida do artesão/guasqueiro que concebe esse trabalho não apenas como uma forma de se manter financeiramente, mas até como uma forma de vida, um *estar* no mundo.

Conforme observamos no relato de nossos informantes todos apresentaram uma forte ligação com a zona rural, seja por ter nascido ou trabalhado nesse contexto e, a proximidade e o domínio com as atividades eqüestre. Nenhum desses indivíduos possui formação escolar completa, apenas as séries iniciais do fundamental. Todos já constituíram família e tem filhos. O ateliê de produção pode ser descrito em todos os casos como um galpão ou garagem que fica próximo à suas residências, normalmente é algo bem simples e funcional com armários e

mesas onde estão distribuídas as ferramentas e ganchos para pendurar as peças em confecção e já confeccionadas. De alguma maneira os guasqueiros alvo desta pesquisa, já estabeleceram algum tipo de contato entre si, já se conhecem e trocaram experiências. Como no caso de Jairo, mencionado por todos com alguém competente e cuidadoso, sendo que ele aprendeu a aprimorar sua técnica com o Justus. Apenas Jairo afirma ter participado de curso de guasquería, o restante não teve interesse de tal ação.

Colocam que não mudaram as técnicas tradicionais de produção, suas ferramentas seguem sendo manuais e confeccionadas por eles mesmos, há uma certa negação unânime frente as ferramentas industriais como se essas fossem de alguma maneira descharacterizar e modificar o “ser guasqueiro”. Buscam aperfeiçoar suas criações para enriquecer ainda mais a produção mesmo seguindo formas tradicionais de técnicas de guasquería. Já o couro branco é utilizado por quase todos. Apenas Pedro não trabalha com o mesmo, devido a química usada nesse material para torná-lo mais maleável para o manejo. Na transmissão do saber/fazer relatam que existe a procura de pessoas interessadas em aprender em um primeiro momento, mas que com o passar do tempo quando surgem as dificuldades e se defrontam com a complexidade do jogo de criação das obras em couro essas desistem.

Apenas um dos informantes tem a guasquería como fonte de renda, os outros são aposentados ou possuem outro emprego. Já em relação as técnicas de criação os mesmos confirmam que mantém-se filiados ao manuseio tradicional, com a utilização de ferramentas manuais criadas por eles mesmos. Ser guasqueiro vai além de um simples trabalho artesanal manual com repetição dos processos, é um artesanato que necessita ter paciência, esforço, paciência e persistência para conseguir seguir essa prática de criação. Sobre a continuidade do ofício por herança da prática artesanal, apenas um dos informantes relata ter ensinado o seu filho o ofício. Os demais informantes, porém, afirmam que seus filhos não tiveram interesse de enveredar pelo trajeto da guasquería. Observou se neste trabalho etnográfico, que parte desta prática cultural na vida de nossos informantes, teve ligação com a necessidade de peças para o trabalho de lida campeira, para uso de suas atividades

cotidianas. Para depois usarem esse saber/fazer como uma fonte de renda que lhes permitiu de certa forma uma autonomia do sistema patrão/empregado.

A guasquería é um artesanato que trabalha com couro e ferramentas manuais, possui dimensões tradicionais como a repetição, a transmissão do saber de uma geração a outra, caráter observado principalmente nas técnicas de produção. Sua criação é feita em ateliês com aspecto simples, com estrutura de pequenos galpões de estâncias. Esses espaços têm obras acabadas e inacabadas de guasca, sendo nesse contexto familiar que remete ao rural, ao campo que o guasqueiro dá início a fabricação de suas obras. De alguma forma o ateliê acaba sendo um lugar de lembranças, inspirações dos tempos que esses indivíduos trabalhavam como campeiros e residiam na zona rural e ao mesmo tempo de fuga da realidade urbana em que estão inseridos atualmente.

Essa dimensão que o artesanato possui de permear o campo social e o simbólico lhe permite ser um meio de criação em que o indivíduo pode usar de todo o seu saber/fazer, de suas técnicas de produção e estilismo. Logo, a guasquería é uma prática secular que possui uma história própria, tem um legado de transmissão de conhecimento popular de sujeitos profundamente ligados a um estilo de vida próprio, por mais que eles tenham abandonado o espaço físico rural eles ainda possuem a identidade de “eu campeiro”, de “eu cavaleiro” e do “eu rural”. Essas identidades compõem o “eu guasqueiro” que permeia dois contextos diversos e até mesmo opostos, urbano/rural.

A guasqueria tem valor humano e simbólico, e por isso, é um elemento cultural e entrelaça caminhos com o produtor cultural, pesquisador, crítico e difusor das culturas. Logo, o produtor cultural está inserido e é participante ativo no mundo sociocultural, é aluno e professor, pois primeiramente deve desenvolver e aprimorar sempre seu olhar compreensivo acerca dos contextos socioculturais e das narrativas polissemicas carregadas nas obras artesanais que relevam conhecimentos e significados, para depois dialogar com essas, estabelecendo conexões e produzindo críticas.

Por fim, como uma profissional atuante na área cultural é indispensável conhecermos profundamente as formas de manifestações populares e tradicionais dos diversos grupos sociais. Respeitando suas características e formas, conhecendo

profundamente seus ideais, devemos consequentemente nos desprender do olhar pré-concebido para sermos “livres” dessa carga, e reconhecermos que todos os indivíduos são seres culturais e são produtores também de cultura, assim conseguiremos usufruir e viver as diversidades culturais.

## 6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVIM, Maria Rosilene Barbosa. “Artesanato, tradição e mudança social: um estudo a partir da arte do ouro de Juazeiro do Norte”. In: RIBEIRO, Berta. *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CANCLINI, Néstor G. *As Culturas Populares no Capitalismo*. Trad. Cláudio N.P. Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CHARTIER, Roger. *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*. Estudos Históricos. São Paulo: Difel, 1995.
- CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. São Paulo: Cortez, 1991.
- FAUDONE, Hilario. *El Arte Gaucho del Cuero Crudo*. Hersilia: Valencia, 2004.
- GARCÍA, Rocío. *De la yerra a la Vitrina: Transformaciones contemporáneas de la guasquería*. Montevideo:Trama Revista de Cultura y Patrimonio ano 1, nº 1, setembro 2009.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.
- HALL, Stuart. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1984.
- JAMESON, Frederic. *Una modernidad singular: Ensayo sobre la ontología del presente*. Barcelona; Gedisa; 2004.
- KELLER, Paulo. *O artesão e a economia do artesanato na Sociedade contemporânea*. Maranhão: Revista de Ciências Sociais Política e Trabalho, 2014.

LENCLUD, Gérard. *A Tradição não é mais o que era: Sobre as noções de Tradição e de Sociedade Tradicional em Etnologia*. Brasília: História, histórias. vol. 1, n. 1, 2013.

LUVIZOTTO, Caroline. *As Tradições No Contexto Da Modernidade: Reflexividade E Ludicidade - O Caso Das Tradições Gaúchas*. Anais do II Simpósio de Pesquisa de Pós-graduandos em Sociologia da USP, UNICAMP, UFSCAR, UFRJ e UNESP. São Paulo: USP, 2009.

MACDOUGALL, David. *The visual in Anthropology. In. The corporeal image. Film, ethnography and the senses*. Princeton, New Jersey, Princeton University Press, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zelia Maria Neves. *Antropologia: Uma Introdução*. São Paulo: Atlas, 2011

TASSO, Alberto. Teleras y sogueros. La artesanía tradicional de Santiago del Estero entre la cultura, la historia y el mercado. Buenos Aires: V Congreso Nacional de Estudios del Trabajo, 2001.